

4468
Surucucus: semente de uma nova nação

Texto de Carlos Augusto

Pelas leis dos índios Yanomami, os velhos são sacrificados para não comer em lugar dos jovens. Quando uma mulher tem seu segundo filho, este é morto na mesma hora para não mamar o leite do irmão mais velho. Ou ainda se uma criança nasce com deformidade física igualmente é sacrificada após o parto.

Vítimas da tuberculose, sarampo e coqueluche, os Yanomami parecem mesmo condenados à morte pela fome, pela indiferença da política indigenista posta em prática pela Funai, e ao que se diz, agora seguindo orientação ou mesmo tutela do Conselho Indigenista Missionário, que segue a cartilha de um partido político de esquerda.

Os índios passam por uma verdadeira lavagem cerebral, sendo-lhes retirada sua autenticidade e extirpadas suas origens, ao mesmo tempo em que fomentam o ódio, por todos os brancos que não sejam da Funai, Cimi ou de missão estrangeira. Esta parece ser a concretização do sonho da "igreja progressista", que prega a independência política e econômica da imaginária Nação Yanomami, onde seriam agrupados todos os índios, passando a "Nação" a viver do fruto de suas enormes riquezas minerais, já previamente detectada pelo Projeto Radam.

Toda a polêmica e controvertida situação dos índios despertou a atenção do Congresso Nacional, resultando na ida da Comissão do Índio, à região da Serra dos Surucucus, onde os Yanomami, famintos e doentes são submetidos à política imposta pelo Cimi, qual seja, de segregação com os brancos. Entendem esses missionários que implantando esse ódio contra os brancos, que não os da Funai, Cimi, é mais fácil controlá-los e preservar as riquezas minerais para entidades suspeitas, como a que é representada pela sr. Cláudia Andujá, sulca que se diz missionária e amiga de capitalistas e banqueiros, mas, incapaz de comer farinha e beber água dos rios. Para essa acertiva acerca da lavagem cerebral a que os índios são submetidos, encontramos publicações como "Na Lei ou na Marra, Venceremos Essa Barra".

Essas publicações são originárias da Arquidiocese de Boa Vista. Sob a orientação dos missionários e funcionários da Funai, os índios são mantidos na ignorância para que lhes seja preservada sua autenticidade e assim não perder as imunidades e ainda garantir a tutela do governo.

Dizer-se defensor dos índios e manter esta política da Funai e Cimi não nos parece o caminho mais cristão. Mantê-los vítimas da doença e da fome para dessa situação tirar proveito, também não nos parece certo. A manutenção desse estado lamentável dos Yanomami certamente deve interessar a alguém ou grupos.

Quando a Comissão do Índio, integrada pelos deputados Arildo Teles, João Marques, Alcides Lima, Willy Viana, Morazildo Cavalcante e João Fagundes, desceu na serra de Surucucus, alguns índios Yanomami, pintados e portando arcos e flechas, cercaram o avião e deram de gesticular e balançar suas armas, não de forma agressiva, mas como se desejassem dizer alguma coisa. Ou perguntar. Os deputados souberam depois que eles pediam roupas, terçados e enxadas. Estranho foi o comportamento do chefe do posto da Funai, o indigenista Bezerra evitando que os deputados e jornalistas entrevistassem diretamente os tuchauas, através de um tradutor que acompanhou nossa equipe de reportagem, tornando-se mais tarde a peça principal do quebra-cabeça que nem ele mesmo conseguiu terminar de montar. O modo como Bezerra falava aos deputados chegava a impressionar os jornalistas, pois parecia um grande líder dos Yanomami, imagem essa logo quebrada pelo próprio Bezerra, ao confessar que os índios só aceitavam conviver com ele em troca de alguns calções ou "pedaços de pano vermelho". Indagado por que dentro dessas circunstâncias permanecia no local, Bezerra alegou "ideal", ao mesmo tempo que advertia "e ninguém vai me fazer deixar de trabalhar com os índios", talvez ao notar que nem os índios e nem os aos deputados ele conseguia agradar. Mesmo ganhando um ordenado de 900 mil cruzeiros, Bezerra possui casas de aluguel em Boa Vista, o que pode muito bem explicar seu "ideal" e suas afirmações de que em Surucucus não tem minério que possa justificar a liberação da área para garimpagem.

Na reunião final com os deputados da Comissão do Índio houve nítida preocupação dos elementos do Cimi e Funai em evitar que os tuchauas falassem abertamente. Sempre alguém da Funai ou do Cimi interferia para desviar os assuntos.

A certa altura, o empresário José Altino Machado, que voltava a Surucucus pela primeira vez depois que foi retirado de lá em fevereiro por tropas do Exército e

acusado de comandar a invasão da área, pediu que Bezerra deixasse os próprios índios responderem ao nosso intérprete, o maranhense Nonato, que acompanhava a Comitiva. Foi um cheque-mate em todo aquele jogo montado pelos "defensores dos índios". Houve um festival de olhares entre membros do Cimi e Funai, preocupados com uma resposta ou explicação que a esta altura não podia mais ser trabalhada na linguagem Yanomami por causa da presença de nosso tradutor.

Depois de dez minutos de ensaios para uma saída, sem no entanto satisfazer a sugestão de José Altino, a esta altura já endossada pelos deputados, que queriam uma resposta dos próprios índios, Bezerra através de um aceno autorizou sua esposa a começar vender artesanatos, antes apresentados como decoração de sua casa, sendo imediatamente advertido pelo presidente da Comissão, deputado Arildo Teles, de que seu gesto era suficiente para responder a tão destacada pergunta, por isso mesmo ele, Arildo Teles, não queria mais ouvir nada.

A advertência do deputado e a venda de artesanato foi suficiente para que tal reunião fosse desfeita.

Depois que voltamos à Boa Vista, a Comissão teve um encontro com o governador do Território, Getúlio Cruz, que lamentou a manipulação pela qual vêm passando os índios do Território, através de elementos e entidades suspeitas. O governador depositou as esperanças do povo do Território nessa visita da Comissão do Índio à área de Surucucus, para ele um tesouro proibido para o povo de sua terra. E nós concluíamos "um tesouro guardado por piratas para os homens de olhos azuis, que um dia viriam de além-mar".

O bispo de Boa Vista, Dom Aldo Moggiano, defende a independência da Nação Yanomami, ao mesmo tempo em que afirma estar torcendo por esta independência, revestida de respeito à soberania de seu povo. Dom Aldo também acha válida a preservação dos usos e costumes dos Yanomami, segundo ele ameaçada atualmente pela figura dos brancos que levam doença e descontentamento aos silvícolas.

Por que achar bonito preservar um monumento primitivo histórico a custas da fome e da desgraça de crianças que nascem condenadas ao sacrifício e velhos assassinados para não dar trabalho aos mais jovens? Será válido na concepção do cristianismo "moderno" que o homem desenvolva a tecnologia e seus em Cristo, no caso os índios, fiquem vivendo na idade da pedra? Ou existe algum Deus na terra para decidir se isso é bom para eles, com aval de missionários e arqueólogos?

Numa reunião em frente ao Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, cerca de 10 mil homens discutiram sobre a abertura do garimpo de Surucucus, impressionando até aos próprios deputados da Comissão do Índio, que pelas informações que lhes foram dadas pelos agentes do Cimi, não pensavam existir tal número de garimpeiros em Boa Vista, que mesmo estando proibidos de trabalhar, demonstraram a importância do assunto.

Por causa do grande número de pessoas que lotou a sede do Sindicato e as ruas adjacentes, a reunião foi levada para sede do Palácio da Justiça, na Praça do Garimpeiro, que também ficou completamente lotado, tendo parte da platéia que colocarse em frente ao prédio, de onde acompanhavam o desenrolar dos fatos.

Falaram vários líderes garimpeiros, todos acusando a Funai e o Cimi de manipular os índios contra eles durante um ano em que permaneceram em Surucucus, manipulação esta denunciada pelos próprios índios que se mostravam dispostos a trabalhar junto com garimpeiros, sendo perseguidos pelos "defensores dos índios", ameaçados de expulsão da reserva e de castigos divinos.

Quando o bispo Dom Aldo Moggiano pediu a palavra, ouviram-se protestos de todos os lados, por parte dos garimpeiros que recomendavam a ele a necessidade de fazer orações pelas almas dos índios famintos e doentes, e não se meter em questões políticas, mesmo por sua condição de estrangeiro. Depois da reunião Dom Aldo teve que sair sob proteção recomendada pelo presidente da Associação dos Garimpeiros, José Altino.

"Pendurado no falso mito Villas-Boas, você conseguiu enganar por muito tempo a opinião pública, entretanto, os índios Guaranis de São Paulo são os principais testemunhos de que você é um péssimo administrador, inimigo dos índios, mau caráter e incompetente". Trecho de uma carta enviada por Mário Juruna ao atual presidente da Funai, Alvaro Villas-Boas, no dia 6 de julho de 1984, logo depois de ter sido demitido das funções de Delegado Regional do órgão em São Paulo. Juruna termina a carta dizendo: "Sr. Alvaro, chegou o seu fim. Acabou a era dos falsos indigenistas e gigolôs de índios".

Mário Juruna cheio de razão e os Yanomami sob a tutela do Cimi, órgão idolatrado por Cláudio Villas-Boas, agora senhor supremo de uma política indigenista cuja massa falida é sustentada com verbas vindas de além-mar.

